

NATUREZA DAS BRINCADEIRAS INFANTIS: UM ESTUDO NO RECREIO ESCOLAR

Heloisa Elesbão

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

helisaelesbao@bol.com.br

Daniela de Moura Clates

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

danielaclates@yahoo.com.br

Maria Cecília da Silva Camargo

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

mceciliacg6@hotmail.com

Resumo

O brincar é uma necessidade para as crianças, estando a brincadeira sempre presente no mundo infantil, pois quando falamos das crianças, imediatamente, pensamos no brincar, brinquedo, brincadeiras e jogos. Por meio das brincadeiras as crianças criam e recriam o mundo em que estão inseridas. O recreio, por sua vez, é um dos espaços/tempos para a manifestação dessas brincadeiras, sendo um espaço riquíssimo para melhor compreendermos esse universo infantil das brincadeiras. Com o intuito de melhor compreender o brincar infantil e suas manifestações no recreio escolar, o presente trabalho tem por objetivo identificar a natureza das brincadeiras infantis realizadas no espaço/tempo do recreio de turmas de Educação Infantil de duas escolas municipais de um município da região central do estado do Rio Grande do Sul. Para isso, fizemos uso da pesquisa etnográfica, realizando observações no recreio escolar, três vezes por semana, no período de março a julho de 2018. Observamos que a brincadeira de faz de conta está muito presente nos recreios das escolas observadas, além disso, há a presença de outras brincadeiras lúdicas, inclusive com regras mais elaboradas. O estudo nos mostrou ainda que as brincadeiras de faz de conta constituem-se em um importante mecanismo de elaboração da realidade em que vivem.

Palavras-chave: Brincadeiras. Recreio. Educação Infantil.

Introdução

O brincar retratado em grande parte da literatura específica da Educação Física na Educação Infantil, remete-se a um brincar didatizado (Kunz, e Costa, 2015). No entanto, as crianças sentem a necessidade de brincar e movimentarem-se livremente. Conforme Brougère (1998), o ato de brincar é característico da infância, além disso, possibilita às crianças a criação, e, com isso, proporciona a elas oportunidade para estabelecerem significações e ressignificações, além de se relacionarem diretamente com a cultura lúdica.

A brincadeira está sempre presente no mundo infantil, pois quando falamos das crianças, imediatamente, pensamos no brincar, brinquedo, brincadeiras e jogos. É por meio do brincar que as crianças conseguem experimentar, regular, construir normas de convivência; com isso, elas criam e recriam, através da brincadeira, o mundo que está ao seu redor (Dornelles, 2012).

O recreio escolar é um espaço para a manifestação dessas brincadeiras, pois segundo Surdi, Marques e Kunz (2015), é um dos momentos em que, geralmente, as crianças conseguem realizar um brincar autêntico, criando variadas formas de movimentarem-se e expressarem-se de maneira livre e espontânea.

A natureza dessas brincadeiras poderá variar de acordo com os espaços, materiais e cotidiano em que as crianças estão inseridas. Se formos capazes de entender as variadas concepções de criança e sujeito presentes nesses lugares, ficará mais fácil de proporcionarmos as crianças momentos em que elas possam viver intensamente seu jeito de ser. Além disso, seremos capazes de compreender suas necessidades e realidades por meio desse brincar (Dorneles, 2012).

O recreio escolar é um espaço/tempo interessante para que os professores conheçam melhor seus alunos, sendo um espaço tão importante quanto o próprio trabalho em sala de aula (Simoni, Ferreira, Souza, Cardoso e Rosa, 2013); visto que o próprio Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2003) reconhece o recreio como parte educativa da rotina escolar, devendo o mesmo ser incluso no tempo de trabalho escolar efetivo. Entretanto, muitas vezes, acabamos deixando de lado esse importante espaço/tempo da rotina diária da escola. Diante disso, acreditamos que cabe a nós professores de Educação Física começarmos a explorar e valorizar esse espaço/tempo, levando em conta, as possibilidades do desenvolvimento de jogos, brincadeiras e movimentos presentes nesse local.

Partindo dessas informações, com o intuito de melhor compreender o brincar infantil e suas manifestações no espaço/tempo do recreio escolar, o presente trabalho tem por objetivo identificar a natureza das brincadeiras infantis realizadas no espaço/tempo do recreio de turmas de Educação Infantil de duas escolas municipais de um município da região central do estado do Rio Grande do Sul, cabe ainda ressaltar, que o mesmo é um pequeno recorte da monografia “As manifestações do brincar no recreio de turmas de Educação Infantil” (Elesbão, 2018), apresentada ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria (CEFD/UFSM).

Metodologia

A metodologia utilizada foi a etnografia, sendo caracterizada pela longa permanência do pesquisador junto ao seu campo investigativo (Bussab e Santos, 2009). Para tanto, foram realizadas observações no espaço/tempo do recreio escolar de quatro turmas de Educação Infantil (Pré nível A e B) inseridas em escolas municipais de Ensino Fundamental de um município da região central do Rio Grande do Sul.

As observações ocorreram três vezes por semana, no período de março a julho de 2018, tendo duração variada de acordo com o tempo e rotina de cada uma das escolas. Para registro das observações, fizemos o uso de diários de campo e registros fotográficos (Corsaro, 2009).

Bussab e Santos (2009) consideram que a entrada no campo e aceitação do pesquisador pelos participantes do estudo é a base para o desenvolvimento do estudo, além disso, o pesquisador precisa ser aceito e visto para além de um simples observador, na verdade, ele necessita ser aceito como participante do grupo. Portanto, para realizarmos a entrada no campo adotamos a “entrada reativa”, na qual o pesquisador não realiza nenhum tipo de interferência ao ingressar nos espaços dominados pelas próprias crianças, esperando, então, que as interações sejam determinadas pelas crianças (Corsaro, 2005). Buscando, com isso, a aceitação no grupo social de convívio das crianças participantes do estudo.

Resultados e Discussão

Com o intuito de mantermos em sigilo o nome das escolas, denominaremos as mesmas por Escola A e Escola B. A Escola A fica localizada no interior do município, atende um total de 36 alunos, distribuídos em duas turmas de Educação Infantil (uma do Pré nível A e outra do B), e uma turma composta por alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. A Escola B fica localizada no interior do município, porém, atende alunos tanto da zona rural, quanto urbana; conta com turmas desde a Educação Infantil (Pré nível A e B) até o 9º ano do Ensino Fundamental, tendo cada ano de ensino duas turmas com um número de alunos em torno de 300 alunos, sendo considerada, perante a realidade do município, uma escola de grande porte.

Durante o desenvolvimento do estudo, foi possível observarmos que a natureza das atividades em ambas as escolas era bem variada, tendo, de maneira principal a presença do faz de conta, além do desenvolvimento de outras atividades de caráter lúdico, com a presença, inclusive, de jogos e brincadeiras com regras mais elaboradas.

Na Escola A, as crianças, de uma maneira geral, utilizavam materiais, como, por exemplo, os brinquedos que a escola disponibilizava para que elas brincassem, além de outros objetos que encontravam ou que estavam a sua disposição para brincar, dentre os quais podemos citar folhas, galhos e pedras, e, a partir do faz de conta desenvolviam variadas brincadeiras em busca de saciar sua vontade de brincar. Nos recreios que ocorreram no pátio, as crianças, fizeram uso do faz de conta, principalmente, pelo jogo de imitação; nessas situações, elas costumavam imitar animais, profissões e papéis familiares, como o de mamãe, papai e filhinhos.

Por meio do faz de conta às crianças tem a possibilidade de experimentarem os mais diversos papéis da sociedade a qual elas estão inseridas. Com a brincadeira de faz de conta as crianças agem em um mundo imaginário, transformando e utilizando os objetos para além da finalidade a qual nós adultos estamos acostumados (Dornelles, 2012).

No trecho abaixo é possível observarmos uma situação em que as crianças da Escola A, por meio do faz de conta, estabelecem sua brincadeira, fazendo uso do jogo de imitação, no qual reproduzem papéis familiares.

Samanta¹, Alice, Franciele, Lauren e Jasmin estavam brincando de “mamãe e filhinhos”, novamente Franciele era a mamãe das outras

¹ Todos os nomes utilizados nas descrições são fictícios, ou seja, não representam os nomes verdadeiros das crianças participantes do estudo.

meninas, ela abraçava as meninas e dizia a todo momento “Filha fica quietinha”. (Diário de Campo Escola A - 09/05/2018).

Corsaro (2002) denomina esse tipo de atividade, de brincadeira sociodramática, na qual as crianças costumam adaptar alguns tipos de papéis, como por exemplo, familiares e/ou profissionais; para que elas consigam consolidar esse tipo de brincadeira, fazem uso de um entendimento partilhado entre todas as crianças, muitas vezes, utilizando materiais disponíveis, adaptando-os conforme suas necessidades, fazendo da brincadeira, uma brincadeira de faz de conta.

A brincadeira sociodramática citada por Corsaro (2002), foi observada tanto na Escola A como na Escola B. Esse tipo de brincadeira faz com que as crianças reconstruam os fatos vividos por elas em seu passado, além de realizarem interpretações e/ou avaliações desses fatos. No trecho abaixo é possível identificarmos a presença do faz de conta sociodramático na Escola B, em que as crianças imitam papéis de vendedores.

Logo no início do recreio um grupo de meninas, assim como no recreio anterior, começou a brincar de loja, algumas eram vendedoras, outras as clientes, por vezes, os papéis se invertiam; não haviam regras para os produtos a serem vendidos, bastava o “cliente” pedir, que as donas da loja e as vendedoras já atenderem a solicitação. Essa brincadeira seguiu por, praticamente, todo espaço/tempo do recreio de hoje. (Diário de Campo Escola B - 06/06/2018).

Além disso, Corsaro (2011) relaciona a brincadeira de faz de conta como uma ferramenta que as crianças fazem uso, com o intuito de saciarem suas inquietações do mundo cotidiano, elaborando em seus mundos imaginários papéis, situações e ideias, buscando compreender certas situações vivenciadas no “mundo adulto”. Diante disso, as crianças não apenas reproduzem cenas vivenciadas em seu cotidiano, na verdade elas reproduzem de maneira interpretativa, ou seja, por meio da reprodução interpretativa proposta por Corsaro (2002).

As brincadeiras de faz de conta, observadas nas escolas participantes do estudo, se deram, principalmente, pelo que Cerisaria (1998) chama de jogo de imitação; essas brincadeiras são atividades construídas a partir de vivências as quais as crianças foram expostas. Cerisara (1998) destaca a importância do jogo de imitação para as crianças; para a autora, por meio do jogo de imitação as crianças desenvolvem sua brincadeira a

partir de situações que vivenciaram, não se resumindo a uma atividade mecânica, mas sim, a partir da capacidade que as crianças têm em reproduzir e imitar situações vividas por elas em seu cotidiano.

Observamos ainda, a presença de diversas brincadeiras de caráter lúdico, na Escola A, assim como na Escola B. Essas brincadeiras ora foram propostas pelas crianças, ora foram propostas pela professora da Escola A e pelos monitores da Escola B. No trecho abaixo é possível observarmos as crianças da Escola A desenvolvendo a brincadeira do “ovo choco”, que foi proposta pela professora e desenvolvida pelas crianças.

As crianças da Educação Infantil estavam correndo, se puxando e gritando na área aberta e também no pavilhão, a professora então sugeriu “Por que não brincam de “ovo choco”?”, Ivana por sua vez, foi até a sala e pegou uma bolinha de papel e organizou a brincadeira. Estava tudo indo muito bem até que Ivana e Manuela começaram a só colocar o “ovo” entre as duas, as demais crianças começaram a se revoltar com isso, não demorou muito para que se cansassem disso e fossem brincar de outra brincadeira, em sequência saíram correndo pela área brincando de “pega-pega” e outros em meio a essa brincadeira começaram a brincar de “cavalinho” (uma criança sentada nas costas da outra). (Diário de Campo Escola A - 02/04/2018).

As atividades lúdicas, conforme Cerisara (1998), são uma possibilidade de reflexão das crianças entre a fantasia e a realidade, sendo, na verdade, um processo complexo, não limitando-se a fantasia pura e nem a realidade vivenciada. A brincadeira do “ovo choco” é um exemplo disso, visto que, as crianças combinam a ação da fantasia ao imaginarem a situação do “ovo ficar choco” e combinam com a realidade, que se configura na necessidade de pegar o material que foi posto atrás de si antes que o seu colega retorne para pegá-lo, e, ainda a missão de tentar pegar a criança que deixou o material.

Além disso, as brincadeiras lúdicas, como os jogos de imitação e ficção, de acordo com Brougère (1998), são importantes na construção da cultura lúdica. Por sua vez, a cultura lúdica surge com o intuito de possibilitar o desenvolvimento da brincadeira e do jogo. Conforme Dornelles (2012) é por meio do lúdico que a criança traz consigo suas brincadeiras; é por meio do brincar que as crianças, ao longo dos tempos, continuam a perpetuar e renovar a cultura infantil.

Considerações finais

Foi possível identificarmos que a natureza das brincadeiras infantis realizadas pelas crianças da Educação Infantil no espaço/tempo do recreio das duas escolas municipais participantes do estudo era predominantemente o faz de conta. Por meio desse faz de conta as crianças experimentaram diversos papéis e deram novos significados a materiais e objetos que estavam a sua disposição para brincar. Além disso, também estabeleceram algumas brincadeiras de maneira partilhada com a professora (no caso da Escola A) e com os monitores (Escola B).

Com o intuito de melhor compreender o universo infantil e suas manifestações através do desenvolvimento de jogos e brincadeiras, compreendemos que são necessários os estudos que tenham como tema central o brincar espontâneo. O recreio, por sua vez, aparece como um espaço interessante a ser investigado, pois, neste espaço/tempo, teoricamente, o brincar, geralmente, ocorre de maneira espontânea e livre. Diante disso, sugerimos que mais estudos que contemplem o espaço/tempo do recreio escolar infantil sejam desenvolvidos, para, cada vez mais, conseguirmos identificar e compreender a maneira como as crianças se organizam para brincar, seus significados e entendimentos acerca dos espaços/tempos de brincadeira, suas relações e a maneira como as estabelecessem.

Referências bibliográficas

Brasil. (2003). Câmara de Educação Básica/ Conselho Nacional de Educação (referente à indicação CNE/CEB 2/2002, de 04.11.2002). *Recreio como atividade escolar*. Recuperado de http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB002_2003.pdf

Brougère, G. (1998). A criança e a cultura lúdica. *Revista da Faculdade de Educação*, 24 (2), 19-32. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59630/62727>

Bussab, V. S. R., e Santos, A. K. (2009). Reflexões sobre a observação etnográfica: a cultura de pares em ação. In: Muller, F., e Carvalho, A. M. A. (Orgs.). *Teoria e prática*

na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro (pp. 104-113). São Paulo: Cortez.

Cerisara, A. B. De como o papai do céu, o coelhinho da páscoa, os anjos e o papai Noel foram viver juntos no céu! (1998). In: Kishimoto, T. M. (Org.). *O brincar e suas teorias* (pp. 123-138). São Paulo: Pioneira.

Corsaro, W. A. (2002). A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Educação, Sociedade & Culturas*, 17, 113-134. Tradução de Manuela Ferreira e Isabel Abreu. Recuperado de <https://www.fpce.up.pt/cie/revistaesc/ESC17/17-5.pdf>

Corsaro, W. A. (2005). Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação & Sociedade*, 26 (91), 443-464. Tradução de Alain François, com revisão técnica de Fernanda Müller. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a08v2691.pdf>

Corsaro, W. A. (2009). Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: Muller, F., e Carvalho, A. M. A. (Orgs.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro* (pp. 83-103). São Paulo: Cortez.

Dornelles, L. V. (2012). Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In: Craidy, C., e Kaercher, G. E. (Orgs.). *Educação infantil: pra que te quero?* (pp.101-108). Porto Alegre: Artmed. Trabalho original publicado no ano 2001.

Elesbão, H. (2018). *As manifestações do brincar no recreio de turmas de Educação Infantil*. Monografia de Curso de Pós-graduação (Especialização em Educação Física Escolar). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Kunz, E., e Costa, A. R. (2015). A imprescindível e vital necessidade da criança: “brincar e se-movimentar”. In: Kunz, E. (Org.). *Brincar & se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança* (pp. 13-37). Ijuí: Unijuí.

Simoni, A. L. S., Ferreira, C. K., Souza, C. A. B. de., Cardoso, T. da. S. B., Rosa, T. G. da. (2013). Brinquedo e brincadeira - recreio legal. In: V Simpósio sobre Formação de Professores - SIMFOP, *Anais...*, Tubarão: Editora Unisul. Recuperado de http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_v%20sfp/Andr%C3%A9_Simoni.pdf

Surdi, A. C., Marques, D. A. P., e Kunz, E. (2015). A sensibilidade na Educação Infantil: professoras advertem - as crianças precisariam brincar com maior liberdade - mas na escola é diferente. In: Kunz, E. (Org.). *Brincar & se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança* (pp. 83-102). Ijuí: Unijuí.